

A ESPERANÇA COMO HORIZONTE:
A “TEOLOGIA DA ESPERANÇA” COMO
CRÍTICA E SUPERAÇÃO DA
ESCATOLOGIA TRADICIONAL

JONAS DE SOUZA NETTO

A ESPERANÇA COMO HORIZONTE: A “TEOLOGIA DA ESPERANÇA” COMO CRÍTICA E SUPERAÇÃO DA ESCATOLOGIA TRADICIONAL

*Jonas de Souza Netto*¹

RESUMO

A Teologia da Esperança, proposta por Jürgen Moltmann e analisada criticamente por Rosino Gibellini, representa uma transformação significativa na escatologia cristã ao reposicionar a esperança como eixo central da reflexão teológica. Este artigo explora como Moltmann supera abordagens tradicionais ao integrar o futuro do Reino de Deus como força crítica e mobilizadora para a práxis cristã. Dialogando com pensadores como Ernst Bloch, Karl Barth e Rudolf Bultmann, Moltmann desenvolve uma escatologia histórica que rejeita tanto o utopismo secular quanto o fideísmo transcendente, enfatizando a ressurreição de Cristo como antecipação do futuro divino. A análise também destaca a influência da Teologia da Esperança em correntes como a Teologia Política e a Teologia da Libertação, além de seu diálogo com a noção de “escato-diversidade” proposta por Helmut Renders. Conclui-se que a esperança, em Moltmann, não é consolo passivo, mas horizonte ético e profético que desafia estruturas de opressão e inspira engajamento transformador no presente.

Palavras-chave: Teologia da Esperança; escatologia; fé; esperança; futuro.

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP. E-mail: jonas@soboasnovas.com.br. <https://lattes.cnpq.br/8181871968360792>. Bolsista CAPES.



ABSTRACT

The Theology of Hope, as proposed by Jürgen Moltmann and critically analyzed by Rosino Gibellini, signifies a profound shift in Christian eschatology by placing hope at the center of theological reflection. This article examines how Moltmann transcends traditional approaches by integrating the future of God's Kingdom as a critical and mobilizing force for Christian praxis. Engaging with thinkers such as Ernst Bloch, Karl Barth, and Rudolf Bultmann, Moltmann develops a historical eschatology that rejects both secular utopianism and transcendent fideism, emphasizing Christ's resurrection as the anticipation of the divine future. The analysis also highlights the influence of the Theology of Hope on movements like Political Theology and Liberation Theology, as well as its dialogue with Helmut Renders' concept of "eschato-diversity". The study concludes that hope, in Moltmann's framework, is not passive consolation but an ethical and prophetic horizon that challenges oppressive structures and inspires transformative action in the present.

Keywords: Theology of Hope; eschatology; faith; hope; future.

INTRODUÇÃO

A esperança cristã não se restringe a um sentimento subjetivo nem a uma projeção psicológica diante das incertezas da existência. Ela constitui um *locus theologicus* fundamental, capaz de reformular tanto o conteúdo da fé quanto as diretrizes da práxis cristã. Em um cenário global atravessado por crises múltiplas — climáticas, sociais, políticas e espirituais —, a Teologia da Esperança emerge

como resposta teológica vigorosa, oferecendo não apenas um horizonte de sentido, mas também um chamado ético ao engajamento, enraizado na promessa escatológica do Deus que vem.

No capítulo IX de “A Teologia do Século XX”, Rosino Gibellini demonstra como Jürgen Moltmann resgata a dimensão futura da fé cristã. Ao recusar o confinamento da teologia ao passado (centrado exclusivamente no evento de Cristo) ou ao presente imanente (limitado à experiência subjetiva da fé), Moltmann projeta a reflexão teológica em direção ao futuro do Reino de Deus. Esse deslocamento metodológico não apenas revitaliza a escatologia, mas também redefine a missão da Igreja, conferindo à esperança uma função crítica, mobilizadora e transformadora da história.

A formulação dessa proposta escatológica resulta de um diálogo denso e criativo com diversas correntes e pensadores. Desde Johannes Weiss e Albert Schweitzer, que situaram a escatologia no cerne da pregação de Jesus, até os esforços de Oscar Cullmann e Wolfhart Pannenberg em integrar o tempo escatológico à história da salvação, Moltmann se insere numa tradição que lida com a tensão entre o “já” e o “ainda não” do Reino. A teologia dialética de Karl Barth e o existencialismo teológico de Rudolf Bultmann funcionam como contrapontos que ele transcende, ao propor uma esperança enraizada na história sem perder de vista a transcendência. Por sua vez, a filosofia marxista de Ernst Bloch, com sua ontologia do “ainda-não” e sua crítica à alienação, inspira Moltmann a articular uma escatologia



teológica que, sem se dissolver no utopismo, mantém firme o compromisso com a transformação histórica.

Este estudo propõe-se a analisar a esperança como categoria teológica central no pensamento de Moltmann, por meio de uma leitura dialógica com a sistematização crítica de Gibellini e com as obras originais do autor alemão. Busca-se, com isso, aprofundar as implicações dessa proposta escatológica para a missão da Igreja, a ética cristã e o engajamento sociopolítico. Defende-se que a esperança, longe de configurar um consolo passivo, manifesta-se como força crítica e profética, capaz de confrontar tanto o conformismo religioso quanto os projetos seculares que negligenciam a transcendência.

Compreendida nessa chave, a Teologia da Esperança convoca a Igreja a viver e agir à luz do futuro prometido, ancorada na ressurreição de Cristo e orientada pela plenitude escatológica do Reino de Deus. As citações bíblicas são da edição da Editora Paulinas (2023). As traduções de idiomas estrangeiros foram realizadas pelo próprio autor.

1. FUNDAMENTOS DA “TEOLOGIA DA ESPERANÇA” SEGUNDO GIBELLINI

No capítulo IX de “A Teologia do Século XX”, Rosino Gibellini apresenta a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann como uma das contribuições mais significativas da teologia pós-Segunda Guerra. A análise de Gibellini demonstra como Moltmann rompe com paradigmas

tradicionais ao reposicionar a escatologia não como apêndice doutrinal, mas como estrutura fundamental da reflexão teológica. Essa reconfiguração – que influenciou correntes como a Teologia Política e a Teologia da Libertação – transforma a esperança de elemento periférico em eixo central da fé cristã, com implicações históricas, éticas e eclesiais radicais.

1.1. CONTEXTO HISTÓRICO E TEOLÓGICO: RUPTURAS E DIÁLOGOS

A obra de Moltmann emerge em um cenário de colapso das certezas modernas e do trauma coletivo do pós-guerra, onde a escatologia tradicional – muitas vezes individualista e desengajada da história – mostrava-se incapaz de responder às angústias do seu tempo. Em contraste, Moltmann propõe uma esperança encarnada, que não evita o mundo, mas se insere criticamente nele.

Gibellini identifica três diálogos fundamentais nessa construção:

- Com a filosofia de Ernst Bloch: Em “O Princípio Esperança” (2005), Bloch oferece uma “ontologia do não-ser-ainda” que Moltmann reinterpreta teologicamente, substituindo a utopia marxista pela promessa divina. Se Bloch via o futuro como projeção humana, Moltmann o afirma como dom transcendente.

- Com a teologia dialética: A tensão entre a transcendência radical de Barth e a imanência existencial de Bultmann é ressignificada por Moltmann em uma escatologia histórica, onde o futuro de Deus redefine o presente sem se reduzir a ele.



- Com a crítica ao positivismo teológico: Rejeitando leituras dogmáticas fechadas, Moltmann recupera a abertura do evento cristão – influência clara de Pannenberg e sua ênfase na ressurreição como antecipação escatológica.

Destaque crítico: A originalidade de Moltmann está em sintetizar essas fontes sem cair no secularismo (Bloch), no fideísmo (Barth) ou no reducionismo existencial (Bultmann).

1.2. A ESCATOLOGIA COMO ESTRUTURA, NÃO COMO APÊNDICE

Gibellini ressalta a inovação metodológica de Moltmann: a escatologia não é o “capítulo final” da teologia, mas a lente que redefine toda a dogmática. Dois pilares sustentam essa virada:

- Cristologia escatológica: A ressurreição de Cristo é o *prolepsis* do futuro de Deus – um evento que já inaugura, mas não esgota, a nova criação. Aqui, Moltmann aproxima-se de Cullmann (“já/ainda não”), mas radicaliza a dimensão transformadora.

- Deus como *futurum*: Em contraposição ao Deus *immobile* da metafísica clássica, Moltmann propõe um Deus que “vem” – cuja promessa reorienta a história e exige engajamento.

Exemplo: Enquanto Weiss e Schweitzer destacaram o caráter futurista do Reino, Moltmann mostra que esse futuro já irrompeu na cruz e na ressurreição, tornando-se critério para a *práxis* histórica.

1.3. ESPERANÇA COMO PRINCÍPIO CRÍTICO: ENTRE RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO

Para Gibellini, a dimensão mais impactante da proposta de Moltmann é a função político-profética da esperança. Ela não é consolo passivo, mas:

- Crítica imanente: Denuncia estruturas de opressão ao confrontá-las com o futuro prometido.

- Energia transformadora: Inspira ações concretas – da Teologia Política de Metz às comunidades de base da Libertação.

Caso emblemático: A apropriação por Gutiérrez, que vê na esperança moltmanniana o fundamento para uma “*práxis* histórica de libertação”.

1.4. OBJEÇÕES E ATUALIDADE: UTOPIA OU PROFECIA?

Gibellini não ignora as críticas à Teologia da Esperança:

- Risco de utopismo: Seria a ênfase no futuro uma forma de escapismo? Moltmann responde com o conceito de “esperança cruciforme” – o futuro é promessa, mas exige solidariedade com os crucificados da história.

- Tensão com a secularização: Em diálogo tenso com Bonhoeffer e Cox, Moltmann insiste que a esperança transcende projetos humanos sem os negar.

Atualidade: Gibellini conclui que a força da proposta está em sua capacidade de responder a crises contemporâneas (mudanças climáticas, desigualdades) com uma esperança que desestabiliza o *status quo*.



1.5. A ATUALIDADE DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA: UM HORIZONTE PARA O SÉCULO XXI

Gibellini encerra sua análise destacando a surpreendente vitalidade da Teologia da Esperança diante dos desafios contemporâneos: mudanças climáticas, desigualdades sociais, crises políticas e existenciais. A esperança permanece como força de resistência e horizonte de ação. Ela fornece à fé cristã uma energia mobilizadora que se recusa a aceitar o mundo como está, afirmando, em vez disso, a possibilidade de transformação com base na promessa de Deus.

108

A Igreja, nesse contexto, é chamada a ser sinal do futuro no presente. Sua missão não é apenas preservar a memória do passado, mas viver como comunidade da esperança — antecipando, por meio da *práxis*, a vinda do Reino de Deus.

Gibellini aponta tensões não resolvidas:

- Temporalidade da promessa: A esperança deve estar ligada ao presente para não virar uma abstração distante.
- Balanço crítico: A teologia da esperança pode ser enriquecida e desafiada no diálogo com religiões não cristãs, como as afro-brasileiras.

Ao apresentar essa síntese crítica da leitura de Gibellini, este capítulo estabelece as bases para o aprofundamento da proposta original de Moltmann em sua obra “Teologia da Esperança”. A leitura de Gibellini não apenas organiza e sistematiza os principais eixos da teologia moltmanniana, mas também prepara o terreno para uma análise mais direta das categorias centrais do pensamento do autor alemão.

2. A RECEPÇÃO PELA TEOLOGIA DA ESPERANÇA

A obra “Teologia da Esperança”, de Jürgen Moltmann, tem sido interpretada de formas variadas por teólogos de diferentes tradições e contextos históricos. Como obra que transformou a escatologia cristã no século XX, ela suscitou tanto adesões entusiásticas quanto críticas pertinentes. Seu impacto permanece atual, sendo constantemente revisitado, debatido e ressignificado nas mais diversas correntes da teologia contemporânea.

Rosino Gibellini, em sua análise, afirma que a Teologia da Esperança provocou um verdadeiro deslocamento de paradigma, ao recolocar a escatologia como estrutura fundamental da teologia cristã. A recepção dessa proposta, portanto, não pode ser compreendida como um fenômeno homogêneo, mas como um processo contínuo de assimilação, crítica e reelaboração, evidenciando a vitalidade do pensamento moltmanniano.

2.1. LEITURA E ESTUDO DA OBRA ORIGINAL

O ponto de partida essencial para compreender a teologia moltmanniana é a leitura direta de sua obra seminal, “Teologia da Esperança”. Nela, Moltmann apresenta os fundamentos bíblicos, sistemáticos e escatológicos de sua proposta. Por se tratar de um texto denso e conceitualmente exigente, requer um engajamento aprofundado e rigoroso por parte do leitor.

Gibellini reconhece que a leitura de “Teologia da Esperança” não é fácil, pois nela se entrelaçam



exegese, filosofia, teologia sistemática, escatologia e implicações práticas, formando um conjunto que exige interdisciplinaridade e atenção crítica. Para uma compreensão mais abrangente de seu pensamento, a leitura de outras obras que expandem e aprofundam os temas lançados em “Teologia da Esperança” é fundamental, como “O Deus Crucificado”, “O Espírito da Vida”, “A Vinda de Deus”, bem como seus textos voltados à ética e à ecologia. Essas obras revelam a coerência e a evolução interna do pensamento moltmanniano.

2.2. INTERPRETAÇÃO POR OUTROS TEÓLOGOS

Existe uma vasta produção teológica dedicada à análise da teologia da esperança. Teólogos acessam essa tradição por meio de comentários, estudos comparativos, sínteses e críticas. Rosino Gibellini, por exemplo, oferece uma leitura panorâmica e crítica da obra de Moltmann em seu levantamento da teologia no século XX.

Segundo Gibellini, a proposta escatológica de Moltmann influenciou profundamente não apenas a teologia sistemática, mas também a Teologia Política de Johann Baptist Metz e a Teologia da Libertação. Ele destaca ainda que a escatologia ativa de Moltmann foi uma das forças propulsoras que motivaram teólogos latino-americanos a verem a esperança cristã como força de transformação histórica e libertação social. Além desses movimentos, diversas revistas teológicas têm publicado estudos que aprofundam aspectos específicos da proposta moltmanniana, explorando suas implicações e dialogando

com contextos sociais e eclesiais contemporâneos, contribuindo significativamente para o amadurecimento e a renovação da discussão teológica.

2.3. ENGAJAMENTO EM DEBATES TEOLÓGICOS

A Teologia da Esperança não surgiu isoladamente; Moltmann desenvolve sua proposta em diálogo e, por vezes, em tensão com outras abordagens teológicas, como a teologia transcendental de Karl Rahner e o existencialismo teológico de Rudolf Bultmann (Rahner, 1962; Bultmann, 2002). Compreender esse contexto dialógico é essencial para captar a originalidade e a ousadia de sua proposta.

Gibellini aponta que a Teologia da Esperança entra em tensão com a teologia existencial de Bultmann, pois esta interpreta a escatologia em termos de decisão presente, enquanto Moltmann recupera o caráter histórico e futuro da promessa cristã. Assim, a proposta moltmanniana se estabelece como uma alternativa escatológica às leituras antropocêntricas ou des-historicizadas da fé.

Simpósios, congressos e conferências teológicas têm servido como espaços férteis para o debate, a crítica e a atualização da Teologia da Esperança. Nesses encontros, teólogos de diferentes tradições compartilham interpretações, confrontam leituras e propõem novas aplicações para os desafios contemporâneos.



2.4. APLICAÇÕES EM DISTINTAS ÁREAS DA TEOLOGIA

A influência da Teologia da Esperança de Moltmann, conforme analisada por Gibellini, estende-se a diversas áreas da teologia:

- Escatologia: A teologia da esperança desloca a escatologia de uma posição marginal, tornando-a o eixo estruturante da reflexão cristã. Gibellini afirma que Moltmann propõe que toda teologia seja formulada desde a escatologia, entendida não como apêndice, mas como perspectiva total da fé (2012, p. 287). A doutrina das últimas coisas é reinterpretada à luz da promessa de Deus e da esperança ativa no porvir.

- Cristologia: A ressurreição de Cristo é compreendida como o evento fundante da esperança cristã. Moltmann propõe uma cristologia escatológica, na qual a ressurreição inaugura o futuro de Deus e aponta para uma nova compreensão da história e da redenção. Para Moltmann, a ressurreição é o evento que rompe com a continuidade do mundo velho e inaugura a nova criação.

- Pneumatologia: O Espírito Santo é concebido como penhor da esperança futura e força que capacita a ação transformadora no presente. Teólogos exploram a presença ativa do Espírito como dinamismo de renovação e resistência. O Espírito é, em Moltmann, o poder do futuro no presente, presença do novo mundo de Deus já em gestação.

- Ética e Teologia Prática: A esperança, em Moltmann, não é fuga do mundo, mas princípio de ação ética e transformação social. A esperança cristã é uma esperança

crítica, pois confronta o status quo e mobiliza os crentes para a transformação do mundo segundo a promessa de Deus. A Teologia da Esperança oferece subsídios relevantes para a atuação da Igreja em temas como justiça, paz, ecologia e dignidade humana.

- Teologia da Libertação: A influência da Teologia da Esperança na Teologia da Libertação latino-americana é notável. Moltmann fornece um arcabouço teológico que fundamenta a luta por justiça como expressão concreta da esperança escatológica no Deus libertador. Gibellini observa que a escatologia ativa de Moltmann fornece à Teologia da Libertação a chave hermenêutica para ler a história como campo de realização do Reino de Deus.

Em síntese, o acesso à Teologia da Esperança se dá por meio de um engajamento multidimensional que abrange a leitura direta das obras de Moltmann, o estudo das interpretações críticas, o diálogo teológico em diferentes espaços acadêmicos e a aplicação de seus conceitos nas diversas áreas da teologia. Trata-se de um campo dinâmico, que segue inspirando novas gerações de teólogos na construção de uma fé comprometida com o futuro de Deus no mundo.

3. A TEOLOGIA DA ESPERANÇA E A ESCATO-DIVERSIDADE PASTORAL: UM DIÁLOGO COM RENDERS

O artigo de Helmut Renders, “A Sinfonia da Esperança” (2004), oferece uma contribuição valiosa ao refletir sobre a escato-diversidade bíblica e suas implicações pastorais. Em



diálogo com a Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann, surgem convergências, aprofundamentos e tensões que enriquecem o debate escatológico contemporâneo.

3.1. A CENTRALIDADE DA ESPERANÇA

Renders afirma que “a escatologia trata, em primeiro lugar, da esperança: sem esperança ninguém vive, apenas vegeta. Uma teologia da vida precisa de uma escatologia viva” (Renders, 2004, p. 31-43). Moltmann, por sua vez, coloca a esperança no centro da teologia cristã, compreendendo-a como força ativa que molda o presente à luz do futuro prometido.

Conexão: Ambos reconhecem a esperança como eixo vital da teologia e da existência humana. Renders, ao associar escatologia e vida, ecoa a preocupação moltmanniana em tornar a esperança relevante para o aqui e agora.

3.2. ESCATO-DIVERSIDADE E O FUTURO ABERTO

Renders propõe a escato-diversidade — a coexistência de diversas perspectivas escatológicas nas Escrituras, cada qual respondendo a contextos distintos — e rejeita qualquer absolutização (Renders, 2004). Moltmann, por sua vez, defende a abertura do futuro de Deus como espaço de novidade radical.

Conexão: A diversidade de esperanças bíblicas, segundo Renders, complementa a ideia moltmanniana de um futuro aberto. Ambas as abordagens reforçam uma escatologia dinâmica, contextual e libertadora.

3.3. ESPERANÇA CRÍTICA E OS RISCOS DO MESSIANISMO

Renders adverte contra os “messianismos totalitaristas”, que distorcem a esperança ao impor projetos fechados de futuro (Renders, 2004). Moltmann também denuncia ideologias que aprisionam o futuro, defendendo uma esperança crítica e libertadora.

Conexão: Ambos veem a esperança como força de transformação social, mas alertam para seus desvios ideológicos. A escatologia, longe de ser alienante, deve ser crítica, vigilante e comprometida com a justiça.

115

3.4. HISTÓRIA, CRISE E PROCESSOS DE ESPERANÇA

Renders analisa modelos históricos contrastantes — de decadência e de progresso — mostrando como ambos podem libertar ou oprimir, dependendo do uso que se faz deles (Renders, 2004). Moltmann trabalha com a tensão entre o “já” e o “ainda não” do Reino, afirmando a presença de Deus na história e a necessidade de sua contínua transformação.

Conexão: Ambos rejeitam leituras ingênuas da história. A esperança cristã, para eles, exige discernimento crítico e engajamento com os sinais do tempo.

3.5. ESCATO-DIVERSIDADE COMO RECURSO PASTORAL

Para Renders, a escato-diversidade é um recurso



pastoral, oferecendo à igreja ferramentas para lidar com diferentes contextos e realidades (Renders, 2004). Moltmann, igualmente, entende a esperança como princípio pastoral que sustenta a missão, fortalece a fé e inspira resistência.

Conexão: A proposta de uma escatologia pastoral em Renders se alinha à teologia da esperança de Moltmann, que vê a esperança como conteúdo vivido e proclamado no testemunho da Igreja.

O diálogo entre Renders e Moltmann revela uma profunda afinidade teológica. A escato-diversidade bíblica, articulada por Renders, amplia a compreensão da esperança moltmanniana ao enfatizar sua dimensão pastoral e contextual. Juntos, oferecem uma visão de esperança como força crítica, engajada e transformadora da história.

4. A ESPERANÇA COMO HORIZONTE

A escatologia, como estudo das “últimas coisas”, transcende a expectativa passiva, configurando-se na teologia contemporânea como um horizonte de esperança que transforma o presente e redefine a prática cristã. Ressurgindo no século XX como categoria fundamental para interpretar o hoje à luz do futuro prometido por Deus (Moltmann, 2002), essa “redescoberta”, protagonizada por Jürgen Moltmann, altera sua compreensão.

Moltmann introduz uma mudança hermenêutica: a escatologia não se refere apenas ao fim, mas ao sentido do presente pela esperança futura. Para ele, o evento de Cristo não é um cumprimento finalizado, mas a abertura para a plenitude inaugurada pela ressurreição. A esperança

(Moltmann, 2002, p. 18) “vai além da fé e impulsiona a história”, tornando-se um motor existencial que impulsiona a vida cristã no presente. O dilema humano de salvação encontra resposta em uma experiência viva no agora, com olhos fixos no Reino que se revela e virá.

Essa compreensão se aprofunda em “O Deus Crucificado” (Moltmann, 2001), onde o autor inverte a lógica tradicional, propondo olhar do futuro de Deus para a cruz. A crucificação reconfigura a ressurreição, integrando o sofrimento de Cristo, que é o sofrimento de Deus em solidariedade com os abandonados (Moltmann, 2001, p. 315). Moltmann desafia o conceito de um Deus impassível, propondo uma “teologia patética” do sofrimento divino, onde o amor se revela na dor e entrega trinitária, sendo a expressão máxima do amor redentor.

A pergunta evangélica “És tu aquele que vem ou devemos esperar outro?” (Mt 11:3) centraliza a abordagem messiânica. A ressurreição é antecipação do futuro de Deus, um “trailer” da nova criação. A esperança escatológica não elimina o medo, mas o transcende pelo amor (1 Jo 4:18), impulsionando “a fé efetivada no amor” (Gl 5:6) para a transformação do mundo. A cruz é o horizonte da esperança que se faz ação, orientando a história rumo à redenção plena.

Assim, a esperança cristã é mais que expectativa: é horizonte escatológico que sustenta a caminhada, luta e criação. Crer, conforme Moltmann (2002), é viver a fé como imaginação criadora e prática transformadora, realizando sinais do Reino, pois o futuro prometido por Deus já desponta. A ressurreição é a prova antecipada do



que Deus realizará, e o Deus da esperança caminha com a humanidade, redimindo sua dor e garantindo “para vos dar futuro e esperança” (Jr 29:11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia da Esperança, tal como concebida por Jürgen Moltmann e sistematizada criticamente por Rosino Gibellini, representa uma inflexão teológica profunda e necessária diante dos desafios do mundo contemporâneo. Ao recolocar a esperança no centro da fé cristã — não como consolo ilusório, mas como força escatológica e mobilizadora — essa proposta inaugura uma releitura vigorosa da missão da Igreja e do seu engajamento com a realidade histórica.

Partindo da ressurreição de Cristo como fundamento ontológico da esperança, Moltmann desloca a escatologia da periferia dogmática para o coração da teologia cristã. A esperança não é apenas expectativa futura, mas horizonte que reconfigura o presente, conferindo sentido, discernimento e impulso ético à *práxis* cristã. Nesse sentido, a promessa do Reino vindouro deixa de ser mero destino final para se tornar critério hermenêutico e convocação à transformação da história.

O diálogo com Helmut Renders — particularmente sua noção de “escato-diversidade” pastoral — revela que a esperança transcende a sistematização teórica: ela é existencialmente encarnada e contextualmente plural. Nessa perspectiva, a Igreja é convocada a exercer não um magistério uniformizante, mas uma regência sinfônica, harmonizando vozes teológicas, gestos pastorais e

compromissos éticos em vista do mesmo horizonte: o Deus que faz “novas todas as coisas!” (Ap 21:5). A polifonia das imagens escatológicas bíblicas corrobora essa visão: o futuro divino não é previsibilidade, mas abertura à novidade da graça e à intervenção transformadora no tempo.

Assim compreendida, a Teologia da Esperança reafirma a fé cristã como fé no Deus que vem — não como repetição cíclica ou projeção utópica humana, mas como advento do novo. Trata-se de uma esperança crítica, que confronta estruturas de dominação, denuncia injustiças e inspira um compromisso ético com a reconciliação e a justiça. Neste cenário, a Igreja é desafiada a ser comunidade da esperança, antecipando, no presente, os sinais do Reino prometido. Esperança, aqui, não é evasão da história, mas seu resgate e redenção.

Como projeto teológico, a Teologia da Esperança permanece inacabada — não por deficiência, mas por sua própria natureza dinâmica. Ela é um convite permanente a conceber a fé não como refúgio identitário, mas como sopro profético que vivifica desertos existenciais e converte resignação em ação criadora. Nas palavras do próprio Moltmann, essa “esperança não

decepciona” (Rm 5:5) porque sua fonte não é a frágil capacidade humana, mas a fidelidade irrevogável d’Aquele que, prometendo, já antecipa em nós o cumprimento de todas as coisas.



REFERÊNCIAS

BÍBLIA português: **A BÍBLIA**. São Paulo: Editora Paulinas, 2023.

BARTH, Karl. **A Epístola aos Romanos**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2003.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Tradução de Néelson Coelho. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.

GIBELLINI, Rosino (Org.). **A teologia do século XX**. Tradução de Luiz Fernando Meirelles de Oliveira. 3ª Edição. São Paulo: Loyola, 2012.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. 4ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1980.

METZ, Johann Baptist. **Teologia do mundo**. Tradução de Luiz João Gaeta. São Paulo: Paulinas, 1980.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus crucificado: a cruz de Cristo como fundamento e crítica da teologia cristã**. Tradução de Mário Spaki. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. Tradução de Helmut Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 2023.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo**. Tradução de Cornélio Fabro. São Paulo: Herder, 1962.

RENDERS, Helmut. **A sinfonia da esperança: da importância da escato-diversidade para uma pastoral da esperança**. Revista Caminhando, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 2, p. 31–43, ago./dez. 2004.